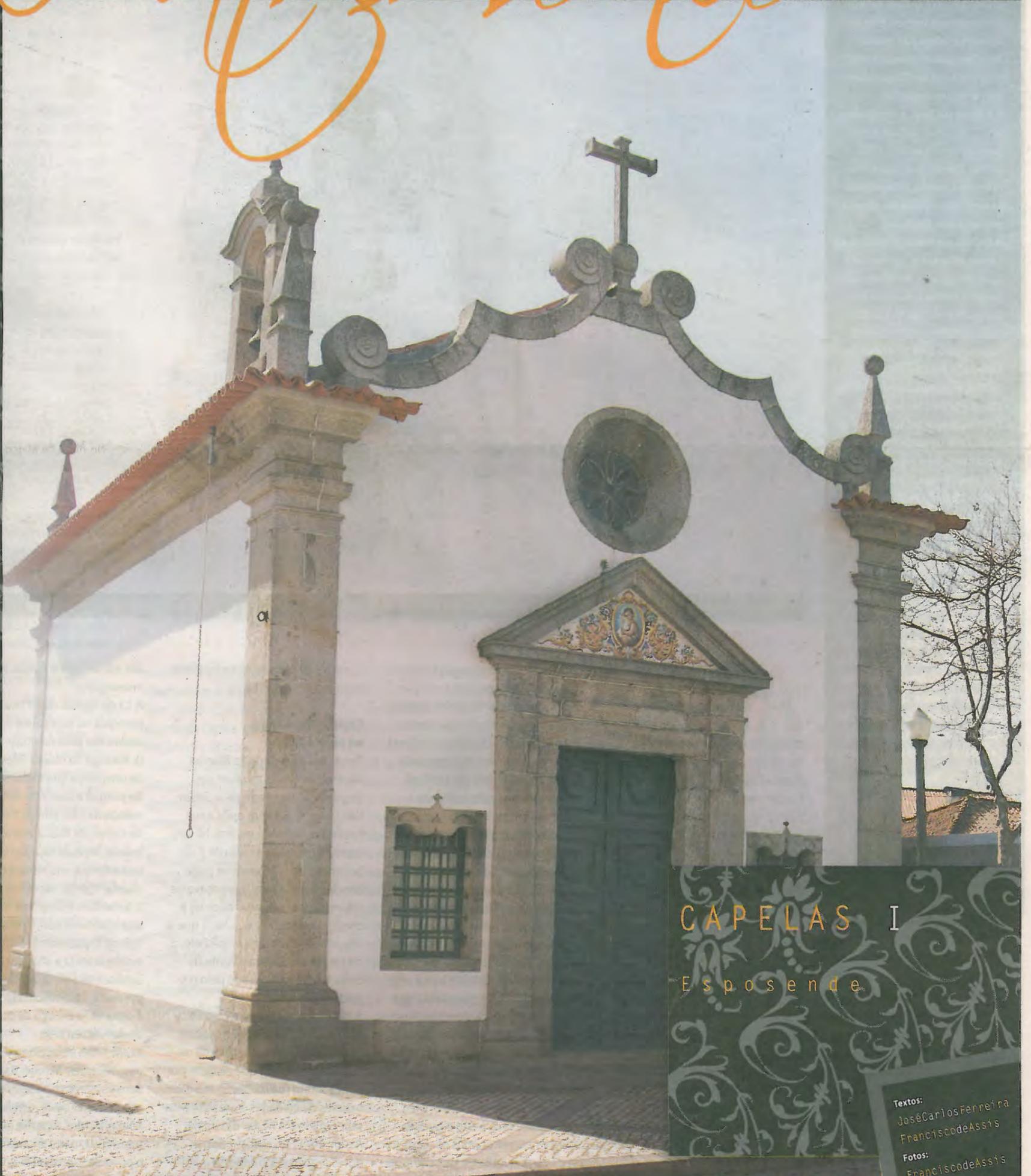


21 DE MARÇO DE 2008
Diário do Minho

Este suplemento faz parte
da edição n.º 28081
de 21 de Março de 2008,
do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido
separadamente.

Património



CAPELAS I
Esposende

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

Começamos, hoje, uma série de edições sobre as capelas de Esposende. Quer isto dizer que entramos na recta final da nossa estada no concelho. Ainda assim, o suplemento "Património" deverá permanecer em Esposende por cerca de dois meses. Efectivamente, além das muitas capelas com interesse histórico, falta o item "Casas com História", no concelho.

A edição de hoje é designada por "Capelas I" e abrange as capelas da cidade de Esposende, isto é, a capela da Senhora da Saúde, a capela do Senhor dos Aflitos e a capela de São João Baptista.

A capela de Nossa Senhora da Saúde está entre as mais antigas da cidade, embora nem sempre tenha tido o mesmo orago. No século XVI tinha como padroeiro São Sebastião, seguiu-se a Senhora da Soledade e só no século XX é que se assumiu, em definitivo, como a Senhora da Saúde.

Por seu turno, a capela de São João, cuja devoção remontará pelo menos ao século XV, e das mais bem conseguidas do ponto de vista arquitectónico, tendo passado por diversas intervenções ao longo da sua história.

A pequenina capela do Senhor dos Aflitos, "entalada" no meio de prédios, mantém alguma devoção, particularmente nestes dias em que o povo cristão celebra a Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Infelizmente, actualmente, além da devoção, também há quem se aproveite destes locais para sessões de bruxaria.

Capela da Senhora da Saúde foi dedicada a S. Sebastião



> O primeiro padroeiro da actual capela de Nossa Senhora da Saúde foi S. Sebastião

A capela de Nossa Senhora da Saúde, em Esposende, foi fundada no século XVI mas com uma outra dedicação, ou seja, segundo os documentos estudados por Manuel Baptista de Sousa, este templo foi fundado em 1553, tendo S. Sebastião como patrono. Isto mesmo é explicado pelo investigador no seu livro "História Religiosa da Paróquia de Santa Maria dos Anjos – Capela de Nossa Senhora da Saúde". «A actual capela de Nossa Senhora da Saúde não foi sempre conhecida por este nome. Uma tal designação é, até, muito recente. Na sua origem foi dedicada a S. Sebastião, sob cujo título fora designada durante vários séculos», afirma. Manuel Baptista de Sousa sustenta as suas afirmações nos diversos capítulos das visitas paroquiais que estudou pormenorizadamente, realçando as visitas realizadas a 4 de Maio de 1757 e a 13 de Julho de 1763, onde os capítulos «dizem ter sido instituída a capela de S. Sebastião por Heitor Ribeiro e sua mulher Ana Enes, em 1553». «Esta é a única fonte que nos permite conhecer a sua fundação», acrescenta. O investigador apresenta mesmo

uma razão provável para a fundação desta capela numa altura em que Esposende ainda não tinha conquistado a sua autonomia e pertencia ao concelho das Marinhas. «Embora o desmembramento de Esposende se tenha consumado por 1560, há quase cem anos atrás que vinha a preparar-se. É muito antiga a devoção a S. Sebastião, em Marinhas, pois o primitivo nome desta freguesia fora "S. Sebastião de Zopães". Se Esposende, em 1553, fundara uma capela dedicada ao mesmo santo, é porque, pouco a pouco, vinha a realizar a sua independência no aspecto religioso, antes de 1560», defende. Para Manuel Baptista de Sousa, esta era uma capela de propriedade particular, que terá sido construída um pouco mais para Nordeste daquela que existe actualmente, e a razão da escolha de S. Sebastião «deveria ter sido a grande devoção ao insigne padroeiro e advogado dos males terríveis da fome, peste e guerra». Sobre os primeiros anos de existência deste pequeno templo, nada, ou muito pouco, se sabe, afirma. Na sua opinião, «nos primeiros anos da sua existência, a capela de S. Sebastião deve ter sido cuidada pelo fundador, ou seus imediatos herdeiros»

e, «nesse período tudo terá corrido mais ou menos bem».

Capela degradada no século XVII

Tendo em consideração Manuel Baptista de Sousa, os sinais de degradação da capela de S. Sebastião surgem 133 anos após a sua fundação. Segundo explica, há um capítulo referente à visita de 7 de Setembro de 1686 onde se pode concluir «que a capela precisava de reforma para continuar decente e condigna à prática do culto, e que o seu administrador era Filipe Pereira, residente em Cabaços, Ponte de Lima, o qual fora avisado pelo respectivo pároco». A partir daqui e durante os primeiros anos do século XVIII, as visitas dão-nos sempre conta da necessidade de obras que acabam por nunca serem realizadas. E uma das maiores dificuldades é exactamente saber quem é o titular da capela. Assim, em 1717, «subsistindo as dúvidas acerca do nome do administrador, por sentença da Relação, passou esta capela a ser fabricada pelos fregueses, ou moradores das despesas das obras necessárias e

das alfaias para o culto», afirma o investigador.

A 12 de Agosto de 1719 a visita à paróquia de Esposende é feita pessoalmente pelo Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles. Trata-se de um marco que merece ser realçado porque é com esta visita que se menciona pela primeira vez o título de capela de Nossa Senhora da Soledade. Manuel Baptista de Sousa sustenta que «na visita de 1737 chamar-lhe-ão "capela de S. Sebastião e Soledade"». «Dado o abandono dos administradores, os fiéis de Esposende iam intervindo e colocaram lá a imagem de Nossa Senhora da Soledade, até porque já tinham S. Sebastião na igreja matriz. É o primeiro esboço da mudança do titular», acrescenta. Já em 1750, pela leitura do livro das visitas, Manuel Baptista de Sousa sustenta que se verifica que, «com acordo ou certa relutância do administrador, a capela ia sendo transferida, paulatinamente, para o povo de Esposende» e, «nela se venerava Nossa Senhora da Soledade, e fala-se, pela primeira vez, no Senhor Morto» e que «a imagem do padroeiro, S. Sebastião, deveria ser substituída».

Capela actual foi construída no princípio do século XIX

A actual capela de Nossa Senhora da Saúde é uma construção do início do século XIX, tendo a sua edificação sido requerida em 1797 porque o templo primitivo se encontrava num local sujeito a inundações.

Na visita realizada em 19 de Junho de 1797, o visitador deixou escrito: «Faça-se requerimento a S. Ex.cia Rv.ma, para se mudar a capela de S. Sebastião, do sítio em que se acha sujeita à inundação das águas, para outro, que, para este fim, se acha destinado».

Segundo Manuel Baptista de Sousa, no seu livro "História Religiosa da Paróquia de Santa Maria dos Anjos – Capela de Nossa Senhora da Saúde", «ao cabo de 244 anos de existência, em grande parte marcada por acentuado abandono de um administrador que vivia no concelho de Ponte de Lima, era natural que a solução mais aconselhável, se não a única possível, fosse uma total reconstrução da capela».

Pelo que se pode deduzir do texto extraído do livro das Visitações, é muito provável até que o terreno já estivesse escolhido e adquirido.

Contudo, existe uma dúvida que os documentos até agora conhecidos não ajudam a resolver que é a data da construção do novo templo.

«Sabemos que fora um facto essa reconstrução, mas não encontramos quaisquer documentos que lhe façam a mais leve referência», afirma. No entanto, salienta, é possível estabelecer-se duas balizas cronológicas que nos permitem situar esta reconstrução, ou seja, entre 1797 e 1848. Assim, o ano de 1797 justifica-se por ter sido neste ano que se afirma no livro das Visitações que se vai requerer a construção da capela e, portanto, foi a partir daqui que o assunto começou a ser tratado. «Por outro lado, uma grade de ferro, de colocar e retirar, para manter aberta a porta principal da capela sem que nela entrassem crianças ou animais, a qual ainda se conserva arrumada debaixo do coreto, apresenta uma inscrição que diz "J.A.F.F. – 1848". Tal data, se não indica o fim da reconstrução da capela, indicará o ano em que essa grade fora oferecida pelo benfeitor J.A.F.F., porém, em qualquer hipótese, revela sempre que a capela estava reconstruída nesse ano», defende o historiador.

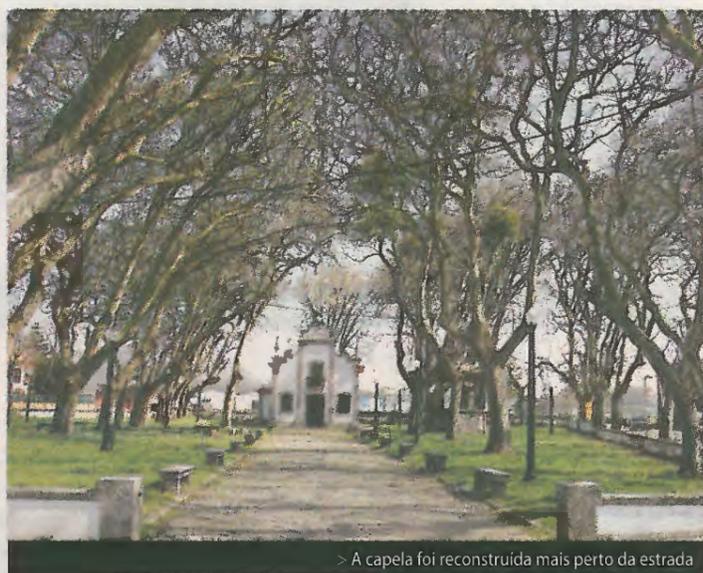
Ainda segundo Manuel Baptista de Sousa, um outro dado que permite localizar a reconstrução do templo neste início do século XIX é a devoção que se verificou em relação a Nossa Senhora da Soledade nesta capela.



> No nicho central do retábulo da capela de Nossa Senhora da Saúde está a Senhora da Soledade



> A imagem do Senhor Morto é referida pela primeira vez em 1750



> A capela foi reconstruída mais perto da estrada

Ex-votos dedicados à Senhora da Soledade

Assim, salienta o investigador, existem, pelo menos, dois quadros de ex-votos que se encontram datados e que serviram para agradecer à Senhora da Soledade as graças recebidas em momentos de grande aflição. O primeiro desses quadros está datado de 1818 e foi oferecido por José Ribeiro de Barros que, quando se dirigia da Figueira da Foz para Lisboa, ao largo do Cabo da Roca, viu o seu barco em grande perigo no meio de uma tempestade. Na altura, ele invocou a protecção de

Nossa Senhora da Soledade, tendo as suas preces sido atendidas. Neste ex-voto, um quadro pequeno em madeira, pintado a óleo, está representado um barco e tem a seguinte legenda: "Milagre q. fez N. S.a da Soledade a José Ribeiro de Barros e a sua comp.a sainda da Fig.a p.a Lx.a, em 16 de Abril sobre a Roca com grande tempest.e N. S.a os pôs a salvm.to. Em 1818".

Outro ex-voto, também um quadro em madeira, é de grande dimensão e foi oferecido pelo capitão de brigues, Miguel Ribeiro dos Santos, que «fora contemplado várias vezes

com a intercessão benéfica da Senhora que chora a dor da soledade e que é Mãe d'Aquela que acalmou as tempestades», afirma Manuel Baptista de Sousa.

Trata-se de «um quadro grande e rectangular, em madeira pintado a óleo, representando cinco brigues e com várias inscrições», descreve. «Por baixo dos brigues, a toda a extensão ou comprimento diz: "Milagres q. fez N. S. da Soledade e o Santo Corpo Santo ao Capitão Miguel Ribeiro dos S.tos da V.la d'Esposende, governando estes navios. Feito em 1847", acrescenta.

Para Manuel Baptista de Sousa, «a fama destas graças viria incrementar a já grande devoção a Nossa Senhora da Soledade, traduzindo-se na reconstrução da capela que chegou aos nossos dias, ou então, os contemplados recorreram Àquela Senhora a quem estava a construir-se, ou acabava de ser construída, a capela em questão». Na sua opinião, «tal reconstrução realizou-se em local diferente, não longe do primitivo, e talvez mais para Sudoeste, aproximando-se algo mais da estrada Esposende-Barcelos».

Imagem recusada nas Marinhas

mudou titular da capela

A capela, inicialmente de S. Sebastião e depois de Nossa Senhora da Soledade, acabou por se tornar no início do século XX de Nossa Senhora da Saúde porque, segundo a história, albergou uma imagem da Senhora da Saúde que a freguesia das Marinhas recusou.

A história é contada por Manuel Baptista de Sousa, no seu livro "História Religiosa da Paróquia de Santa Maria dos Anjos – Capela de Nossa Senhora da Saúde", que afirma ter encontrado o relato dos acontecimentos num pequeno opúsculo intitulado "Nossa Senhora da Saúde de Esposende", editado em 1906, da autoria de Xavier Viana.

Segundo o que é contado, existia no lugar de Outeiro, freguesia das Marinhas, uma capela de Nossa Senhora da Saúde, cujas festividades se celebravam a 14 e 15 de Agosto com grande afluência de devotos. Nela existia uma imagem que era pequena e, por isso, uma devota, chamada Rosa Rêga, popularmente conhecida pela Nexa, lembrou-se de realizar uma subscrição para se comprar uma imagem maior e mais condigna, ao que a população respondeu.

«Pronta a imagem, a devota vai falar com a comissão promotora daquela festividade anual, a fim de ela ser colocada no altar, substituindo a imagem pequena que lá figurava, ficando esta para servir no dia da festa. Negou-se a comissão em receber tal imagem, apesar de alguns membros terem apoiado e concorrido com dinheiro para a dita aquisição da nova imagem», conta o historiador. Perante isto, Rosa Rêga ficou aflita e alguém lhe terá sugerido que

entregasse a imagem à Junta de Paróquia de Esposende, o que ela prontamente fez. Dessa entrega resultou uma acta datada de 11 de Agosto de 1901, na qual a Junta de Paróquia consignou um voto de agradecimento à benfeitora.

No Verão de 1903, encontrava-se a banhos em Esposende o então Bispo da Guarda, D. Manuel Vieira de Matos, que viria depois a ser Arcebispo de Braga, que benzeu solenemente a imagem. A festa religiosa teve lugar na igreja matriz, tendo o sermão sido pregado pelo padre Passos, de Apúlia. No final, a imagem da Senhora da Saúde foi conduzida em procissão para a capela de Nossa Senhora da Soledade, onde ficou exposta ao culto.

«Era comovente o quadro que pelas ruas por onde passava o cortejo religioso se observava! O povo, de joelhos, à passagem do andor, chorava comovido, em recolhimento religioso, olhos fitos nos olhos da Castíssima Virgem da Saúde, como lhe pedindo, fervorosamente, a sua protecção para todos e para esta pequena mas formosa terra», relata Manuel Baptista de Sousa.

Comissão conseguiu altar para a Senhora

Ainda segundo o historiador, foi uma comissão de senhoras que conseguiu o altar de Nossa Senhora da Saúde, tendo o douramento e a pintura ficado a cargo do artista bracarense Domingos Fânzeres. Segundo refere, nesta comissão destacou-se a acção de Beatriz Raio de Carvalho Braga que, com as amigas, conseguiu em pouco tempo arranjar o altar.

Contudo, acrescenta o investigador, há ainda a destacar outras devotas, como Amélia Pascoal Ribeiro da Fonseca, Arminda de Almeida Pascoal e Valentina de Barros Lima Pascoal, que ofereceram sacras artísticas, vestidos de seda bordados a ouro e ramos.

Assim, a devoção a Nossa Senhora da Saúde foi crescendo em Esposende, tendo a população se mobilizado para aumentar e embelezar com árvores o adro da capela, que era pequeno.

«A contribuir para o incremento do culto a Nossa Senhora da Saúde não fora estranho as indulgências que à tal imagem são concedidas. O Nuncio Apostólico da época, Cardeal Ajuti, concedera, in perpetuum, 300 dias de indulgência a quem rezasse diante desta imagem um Padre-Nosso, Ave-Maria e Glória ao Pai, que poderão ser aplicadas pelas almas do Purgatório. Sua Ex.cia Rv.ma o Arcebispo de Braga, D. Manuel Baptista da Cunha, na sua visita pastoral a esta vila, aos 28 de Outubro de 1904, visita a capela de Nossa Senhora da Saúde, concedendo à veneranda imagem 100 dias de indulgência, bem como a Nossa Senhora da Soledade, rezando três Ave-Marias a cada uma», afirma Manuel Baptista de Sousa.

«Foi esta devoção local, bem enquadrada na devoção geral à Mãe de Deus, que levou à aceitação pronta e jubilosa da "recusada" imagem de Nossa Senhora da Saúde, para quem é preparado um trono especial na multissecular capela de S. Sebastião, depois de Nossa Senhora da Soledade e, actualmente, designada pelo seu próprio nome», acrescenta o investigador.



> Imagem de Nossa Senhora da Saúde



> Pequena sineira da capela de Nossa Senhora da Saúde



> Pormenor da fachada da capela de Nossa Senhora da Saúde

DEVOÇÃO AO PRECURSOR DE CRISTO É ANTIQUÍSSIMA

Primeira capela de S. João será anterior ao século XVI

A devoção a São João Baptista, precursor de Cristo, é antiquíssima nas gentes de Esposende, bem como em toda a orla marítima nacional, especialmente no norte do país. Investigação de monsenhor Baptista de Sousa mostra que, provavelmente, a primeira capela dedicada a S. João Baptista foi construída antes do século XVI, mais precisamente anterior a 1560, altura em que se deu a separação entre a vila de Esposende e as Marinhas. É um facto que na antiga paróquia das Marinhas, onde se incluía também Esposende, havia devoção a S. João Baptista. Aquele que veio anunciar a chegada de Cristo era um dos muitos santos a quem os pescadores e mareantes em geral recorriam para os ajudar a atravessar os perigosíssimos Cavalos de Fão e não só. Manuel Baptista de Sousa acredita que existia uma capela mais antiga. Entre outras razões, além da forte devoção, «é o facto de a capela actual ser de amplas dimensões, alta, com pés direitos possantes, de notória configuração artística, de apreciável beleza e rico trabalho de cantaria. Ora, uma capela assim, construída por subscrição popular de elevada generosidade, e numa povoação que não é rica, nem numerosa, dá indícios que existia já, na alma e no coração dos fiéis, uma grande devoção a São João», refere o autor na publicação "História Religiosa da Paróquia de Santa Maria dos Anjos, vila de Esposende". Monsenhor Baptista de Sousa julga que a actual capela é fruto não só do amadurecimento da devoção, mas também do acumular de verbas para a obra. Recorde-se que, tanto quanto foi possível saber, trata-se de uma capela genuinamente popular, como aliás se pode constatar pelos relatos das "Memórias Paroquiais de 1758". O autor cita o "Livro das Visitações", reportando a uma visita de Novembro de 1690, sobre obras realizadas na capela de São João Baptista. Dizia-se que havia muito dinheiro espalhado por várias mãos e que era preciso juntá-lo para pagar as dívidas das obras. Deu-se a entender que os fiéis eram generosos. Aliás, para reforçar a ideia da devoção infiltrada nas gentes de Esposende, monsenhor Baptista de Sousa recorda, além da capela, o forte ou castelo de São João Baptista, de que já falámos num suplemento próprio, uma rua e o cruzeiro, mesmo ao lado da ermida.

Actual capela datada de 1699

Num dos lados do cruzeiro está gravada a data 1660. O autor da publicação põe a hipótese de ser a data do início da construção da capela, que seria concluída 39 anos depois. Isto porque, no sopé da cruz que encima o frontal do pequeno templo está perpetuada a data 1699. No entanto, porventura, o documento mais conclusivo da existência de uma capela anterior provém da frei António do Rosário, da Ordem Dominicana, que cita textos e outros dados recolhidos no Arquivo Distrital de Braga, mais precisamente na secção "Arquivo da Sé". Por causa de uma petição realizada em 1717, para a realização de obras na capela, ficou-se com uma ideia aproximada da antiguidade do pequeno templo. «Diz-se que a capela tinha sido reedificada de novo, carecendo de licença para ser benzida e para nela se celebrar missa. Diz-se textualmente que a capela velha tinha mais de duzentos anos, conforme a tradição dela e por estar arruinada a mandaram os oficiais reedificar de novo, ao moderno», pode ler-se. Dados que levam monsenhor Baptista de Sousa a inferir que existiria outra capela desde o século XV, antes de 1490. Ou seja, a conclusão que se pode tirar é que esta capela terá sido construída por essa altura, 200 anos depois foi reedificada. A data de 1699 será o fim das obras de pedreiro, demorando mais perto de 20 anos para a licença de celebração da eucaristia. Para reforçar esta ideia, basta ver que, em 1701, o visitador António Lopes da Fonseca, dizia que a capela de S. João se achava «há anos por cobrir, sendo que há dinheiro para ela». Aliás, o mesmo responsável fazia outras recomendações para com o imóvel religioso, sob ameaça de



> Esta capela de S. João será do século XVII, já com remodelações

uma multa de «um marco de prata». Em 1719, a capela de São João mereceu a atenção de uma figura incontornável da igreja da arquidio-

cese de Braga no século XVIII, D. Rodrigo de Moura Teles. O pequeno grande prelado recomendava obras na capela, nomeadamente o

forro, mas também porque obrigava a que uma imagem e uma pedra de ara, nas mãos de Manuel da Costa Maciel, fossem devolvidas à capela.



> Cruzeiro de S. João junto à capela com o mesmo nome



> Aspecto geral das traseiras e sineira da capela de S. João

ERMIDA ESTÁ ENCERRADA PARA OBRAS

Arquitectura da capela de S. João apresenta apurado gosto artístico

Depois das peripécias das constantes recomendações dos zelosos visitantes, vamos centrar-nos um pouco nos aspectos arquitectónicos e no recheio desta capela. Ainda assim, vale a pena referir que, apesar das ameaças e pelo não cumprir os prazos estabelecidos, a pedra de ara só regressou à capela 45 anos depois da recomendação do Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles. De forma geral, tanto no interior como no exterior, pode dizer-se que a capela de S. João apresenta uma arquitectura de apurado gosto artístico. Um facto que não está alheio, por um lado, à enorme devoção ao precursor de Cristo, por outro, e já agora por consequência, à quantidade de esmolas oferecidas pelos devotos do "São Joãozinho", como carinhosamente é tratado por muitos fiéis.

À qualidade arquitectónica deste pequeno templo junta-se à qualidade da escrita do monsenhor Manuel Baptista de Sousa, durante muitos anos pároco da paróquia de Santa Maria dos Anjos, em Esposende. A ele o nosso obrigado e a nossa homenagem, num momento difícil da sua vida, com problemas de saúde. Vale a pena prestar atenção à descrição da localização da capela. Numa linguagem poética, escreveu assim no livro "Historia Religiosa da Paróquia de Santa Maria dos Anjos": «orientando-se na direcção nascente-poente, faz com que, pela sua porta principal, pelas duas janelas e óculo ou rosácea penetrem os seus primeiros raios da aurora, que, depois de laminados pelas cristas da montanha de Faro, ou crivados pelos pinheirais de Gandra, beijam calidamente o rosto sério do santo penitente do deserto», diz monse-

nhor Baptista de Sousa.

A capela tem um corpo único, com coro e escada fixa de acesso. No exterior, salta à vista não só o "avental", coberto em azulejo com floreado e, no centro, uma ternurenta e simbólica imagem de São João Baptista, em criança, abraçado a um cordeiro. O autor da supracitada publicação não tem dúvidas em considerar que os quatro ângulos das paredes, os pilastras, «são feitos em magnífica cantaria, com base e capitel, rematando por uma esguia e pirâmide de pedra bem trabalhada».

Ainda na frontal deste imóvel religioso, não passam despercebidas as duas janelas, também em cantaria, «sendo as respectivas padieiras ou dintéis gostosamente trabalhados em ondulações, embora danificados pela ferrugem das grandes que as defendem».

Medalhão renascentista pertencente à matriz

A riqueza da capela de S. João não está apenas na história e nos aspectos arquitectónicos e artísticos, mas também no recheio. Uma das peças mais valiosas será um medalhão que, segundo monsenhor Baptista de Sousa, «trata-se de uma primorosa jóia de arte renascentista, talvez remanescente da antiga tribuna ou camarim da igreja matriz, que fora apodrecendo com os anos... certamente, este retábulo-imagem ou medalhão, foi trazido para esta capela a fim de lhe dar um destino». Ora, para o antigo pároco de Esposende, embora não tenha sido a pior solução, o medalhão em madeira, de forma ogival, em talha renascentista, representando Santa Maria dos Anjos, não deveria sair da matriz. No entanto, uma vez saído, deveria regressar. Aliás, ao que parece não estava sozi-



> Rosácea e azulejos com imagem ternurenta de S. João Baptista

nho. Também o falecido monsenhor Luciano dos Santos, especialista em arte sacra, pensava o mesmo. «Até porque o estilo da capela de São João não exige, antes rejeita, aquela jóia de arte», explica o sacerdote. Também as imagens de São João merecem distinção. Não só a principal, «de uma beleza e encanto singulares», mas também as duas pequenas. Pensa-se que uma delas seria aquela a que o arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles se referia em 1719. Ao longo do século XX, a ermida passou por diversas intervenções e, nos anos 1975 e 1976 pode dizer-se que foi parcialmente reconstruída, ficando intacto apenas o esqueleto construtivo. Antes, em

1929, no ano da famosa crise nas bolsas americanas, também a capela passou por uma terrível crise. Foram precisos vários apelos públicos para a salvar de desmoronamento.

Agora, está novamente em obras, mas de menos monta. As imagens e a tribuna estão a ser preparadas para uma reabertura da capela digna da sua história e da sua arte.



> Campanário e pináculo aumentam monumentalidade da capela de S. João



> A inevitável colocação da grade pode ter estragado as janelas

DEVOTOS DE MATOSINHOS E EMIGRANTES

Capela Oitocentista do Senhor dos Aflitos lembrada por bacalhoeiros na Gronelândia

Como muitas capelas, desconhece-se não só o início da devoção, como a data de construção da pequenina capela do Senhor dos Aflitos, situada nas proximidades da Câmara de Esposende. No entanto, tudo aponta para que tanto a devoção como a edificação sejam oitocentistas.

Uma vez mais socorremo-nos dos escritos de monsenhor Baptista de Sousa, na sua obra "História Religiosa da Paróquia de Santa Maria dos Anjos – vila de Esposende – Capelas de N. Senhor dos Aflitos e N. Senhor dos Mareantes", leitura que recomendamos.

A data da construção é desconhecida. Embora o autor admita que a devoção seja dos primeiros anos do século XVIII, a primeira vez que se fala na capela é já no último quartel do século XIX, mais precisamente em 1880. Monsenhor Baptista de Sousa diz ter certeza que o local onde a capela está não é o original, bem como a primitiva localização da cruz de pedra.

Assim, a primeira data concreta em que já é referida a ermida do Senhor dos Aflitos é 5 de Maio de 1880, em que a Junta da Paróquia, por não ter dinheiro, não assumia a sua posse. «Fala-se de um ofício da Câmara Municipal para que aquela Junta mande mudar a capela do Senhor do Outeiro. A Junta da Paróquia não se manifesta com vontade de suportar as despesas dessa transferência de lugar, todavia, a expensas da dita Junta, da Câmara ou de devotos particulares a capela fora mudada», escreve, acrescentando: a Junta não diz que a capela não lhe pertence. Afirma, apenas, que ainda não tomou posse da gerência dela e, como não tem dinheiro, procura esquivar-se afim de que a Câmara suporte as despesas». Este é um dado importante, uma vez que, pela primeira vez, temos uma data e factos.

Para aqueles que conhecem a capela somente após a grande intervenção sofrida em 1968, fica aqui um pequeno retrato. «Era tão totalmente construída em pedra e de tão exíguas dimensões que melhor deveria chamar-se nicho ou calvário», entende monsenhor Baptista de Sousa. Segundo este investigador, apesar de exígua, a fachada era tão grande que pôs duas hipóteses: ou a tal frente não era da capela ou a capela não pertencia à fachada. Durante muito tempo «uns 100 anos», a cruz de pedra, pintada com a imagem de Cristo, permaneceu



> Capelinha do Senhor dos Aflitos, provavelmente do século XIX



> A imagem do Senhor dos Aflitos, resistiu muito tempo na rua

no exterior. Ainda assim, apesar das intempéries, a pintura permaneceu bem visível. Está imagem, agora dentro da capela, será «o verdadeiro Senhor dos Aflitos».

Uma das razões para o alargamento é o facto de muitos padres não quererem celebrar nela, por causa da sua pequenez. A reconstrução foi possível graças à boa vontade da Câmara Municipal, que cedeu algum terreno, à família Viana Lopes, que facilitou no muro, e às esmolas que provinham de todo o lado, de modo especial dos emigrantes, que sempre responderam às solicitações.

Agradecimento e novo milagre

Entre os muitos relatos de devotos e milagres, decidimos contar aqui, um episódio que se terá passado com um grupo de bacalhoeiros de Matosinhos. Conta Manuel Baptista de Sousa, baseando-se em relatos de populares, mas também do jornal "O Cávado", que no dia 29 de Setembro de 1935, um domingo, um numeroso grupo de pescadores bacalhoeiros poveiros e caxineiros se deslocou a Esposende para cumprir uma promessa ao Senhor

dos Aflitos. «Acompanhados de mulheres e filhos, frente à capela, rezaram em pranto, como só eles sabem rezar o terço, o credo, a salve-rainha, etc., em acto público de agradecimento pela ajuda recebida quando, no lugre Rio Lima, se viram em aflição nos mares da Gronelândia».

Depois do dever da oração, alimentaram o corpo. De regresso, a viatura despistou-se, «há confusão tremenda, gritos de morte e ao fim todos saíram pelas janelas, apenas com ligeiros ferimentos. Toda a gente concluiu que o Senhor dos Aflitos estava ao seu lado».

Em Março de 1941, "O Cávado" dava conta de mais uma visita de matosinhenses. «Cumprindo um voto de promessa feito em hora de perigo à milagrosa imagem do Senhor dos Aflitos ...esteve, ultimamente, nesta vila, a tripulação duma traineira de Matosinhos, colocando sobre o altar uma linda toalha de seda azul».

Actualmente, a capela está limpa, conservada e cuidada, com especial devoção nestes dias da Paixão, especialmente hoje Sexta-Feira Santa. Tem um altar digno e algumas pequenas imagens.



> A pequena sineira deu maior visibilidade ao pequeno templo



No exterior da capela da Senhora da Saúde está um painel de azulejos cujo desenho é da autoria do professor de Belas Artes, Manuel Gonçalves Viana. Este painel tem a data de 1907



No interior da capela de Nossa Senhora da Saúde encontra-se na parede lateral Sul um painel de azulejos que representa a Imaculada Conceição. O painel, que é a reprodução de uma estampa, foi oferecido pela mãe do pintor Henrique Medina



O coreto que se encontra no adro da capela de Nossa Senhora da Saúde foi projectado pelo arquitecto José Vilaça. A base foi levantada em 1918 e, em 1962 a obra ainda não estava acabada. O projecto inicial sofreu algumas alterações devido a algumas críticas



A imagem de Santo António que se encontra na capela de Nossa Senhora da Saúde foi oferecida pelo pintor Henrique Medina, que a adquiriu em Espanha. Santo António é representado com um hábito franciscano, realçando-se ainda a beleza do manto que cobre o Menino Jesus



A capela de São João apresenta na sua fachada, mais concretamente na base da cruz, a data 1699 que, segundo os investigadores deverá corresponder ao ano em que foram concluídas as obras de pedreiro



Monsenhor Manuel Baptista de Sousa é de opinião que o retábulo da capela do Senhor dos Aflitos não tem valor artístico. No nicho central encontra-se um crucifixo de banquetá com a imagem de Cristo ainda vivo.